

A Recepção dos Processos Comunicacionais no Quilombo Barra de Aroeira¹

Gabriela Glória de Castro²
Sóstenes Reis Siqueira³
Marluce Evangelista C. Zacariotti⁴
Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

RESUMO

Este presente trabalho propõe analisar como a comunidade quilombola de Barra de Aroeira se configura frente à recepção de Novas Tecnologias de Comunicação e Informação (NTCI's) e dialoga com os anseios e identidade do grupo. Por meio dos estudos de recepção de Martín-Barbeiro e demais autores e de bibliografia voltada para comunicação em comunidades de caráter quilombola, procuramos verificar como essa recepção ocorre em Barra de Aroeira e quais os efeitos de ordem social aconteceram após o contato com as NTCI's. Assim, pudemos refletir sobre as possibilidades de diálogos entre a comunidade e os meios de comunicação e sua variedade de perfis formados.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de Recepção; Novas Tecnologias; Quilombolas.

INTRODUÇÃO

As novas tecnologias de comunicação e informação (NTCI's) tornaram-se comuns em nossas relações sociais. Elas criaram um novo espaço, que denominamos de sociedade da informação, onde a dinâmica dos processos comunicacionais é o fator principal.

A questão das novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC's) tem sido fruto de diversas discussões e análises em âmbito teórico e prático. Em *A sociedade em rede*, Manuel Castells (1999) discorre sobre as características de uma sociedade que se comunica num ambiente comunicacional novo. Nesse espaço, a construção e desconstrução da cultura é constante, são várias possibilidades de recepção e interação e, ao se expandir de forma ilimitada, a rede é capaz de acabar com as fronteiras de espaço e tempo. Além disso, os meios de produção são influenciados ou

Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFT, email: gabigloria@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFT, email: sostenes7@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Especialista em Gestão de Processos Comunicacionais pela ECA/USP; Mestre em Ciências da Comunicação pela mesma instituição e Professora do Curso de Jornalismo da UFT, email: marluce@uft.edu.br

voltados à geração ou ao fluxo de informações. O autor busca mostrar como a história das sociedades sofrem a influência das tecnologias e de como as relações sociais e de poder interferem no uso dessas tecnologias.

[...] embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico. (CASTELLS, 1999, p.44-45).

Como a informação se tornou parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva, os efeitos da tecnologia têm alta penetrabilidade. Assim, a sociedade da informação se tornou meta nas diversas ações que visem o desenvolvimento humano.

É desejável promover a sociedade da informação porque o novo paradigma oferece a perspectiva de avanços significativos para a vida individual e coletiva, elevando o patamar dos conhecimentos gerados e utilizados na sociedade, oferecendo o estímulo para constante aprendizagem e mudança, facilitando a salvaguarda da diversidade e deslocando o eixo da atividade econômica em direção mais condizente com o respeito ao meio ambiente. (WERTHEIN, 2000, p. 75)

Compreender a dinâmica da sociedade em rede é só o primeiro passo para a inclusão digital. É necessário entender também o que vem a ser essa inclusão, como ela se dá em sua aplicação prática. Nesse sentido, Rangel (2003) aponta a necessidade de se observar a dinâmica de cada local ao implantar um programa de inclusão digital. O importante é que o modelo atenda mais do que uma demanda por tecnologia e seja um meio de promover cidadania através do uso do computador para potencializar conhecimentos e oportunidades. Ou seja, o ideal é que a alfabetização digital venha acompanhada de políticas públicas adequadas e atividades que gerem renda, como discute o artigo *Inclusão digital e comunicação comunitária: desafios cognitivos na Sociedade da Informação* (CARVALHO, A.; CARVALHO, J.; PASSOS, 2007). Os autores ressaltam a importância de projetos de cidadania digital ter aplicabilidade da gestão da informação para garantir um acesso qualitativo às informações. Para eles, o que muitas vezes falta às iniciativas de inclusão digital é trazer os conceitos de comunicação comunitária que serviriam de ponte entre as necessidades instrumentais e a resolução dos gargalos cognitivos. A comunicação comunitária é muito importante para as pessoas que participam dessas iniciativas, pois “contribui para que elas se tornem sujeitos, se sintam capazes de fazer aquilo que estão acostumadas a receber

pronto, se tornem protagonistas da comunicação e não somente receptores”. (PERUZZO *apud* CARVALHO, A.; CARVALHO, J.; PASSOS, 2007, p. 12).

Apesar da rapidez de transmissão de informação e dados, a exclusão digital e o manejo inadequado da NTCI's ainda são uma realidade. O governo vem dando mostras de preocupação com a inserção de tecnologias, principalmente em comunidades carentes e tradicionais, bem como em populações indígenas. Desta preocupação nasceu o edital MCT/MMA/SEAP/SEPPIR/CNPQ nº. 26/2005 do CNPq ao qual concorreu o projeto Gestão da Comunicação para o Desenvolvimento do Artesanato e da Tecnologia em Barra da Aroeira (Gecart) e tem como meta proporcionar o acesso a meios tecnológicos e comunicacionais como a internet, a rádio comunitária e pequenos meios impressos (jornal comunitário, panfletos de divulgação do artesanato, catálogos, etc) para esta comunidade. Além disso, o Gecart também compreende ações nas áreas de saúde e higiene pessoal; gestão e gerenciamento ambiental; manuseio e tecnologia para capim dourado e cerâmica; gestão de negócios e desenvolvimento cooperativista. Assim, desde o final de 2005 o projeto vem sendo desenvolvido por professores do curso de Comunicação Social da UFT, em parceria com outros cursos como Medicina e Engenharia Ambiental, além da contribuição de instituições como Sebrae, Fundação Cultural do Tocantins e a ONG Ecos do Cerrado.

Deste projeto de extensão, nasceu a pesquisa *O olhar da comunidade Barra de Aroeira: um estudo de recepção sobre a inserção tecnológica*, que propôs investigar como a comunidade Barra de Aroeira, localizada na região Central do Tocantins, está recepcionando propostas como a do Gecart e a inserção da tecnologia em seu ambiente e, assim, observar como está se configurando o novo espaço comunicacional em Aroeira.

A comunidade Barra da Aroeira é distrito do município de Santa Tereza, região localizada no centro do Estado do Tocantins, a 41 quilômetros da capital Palmas. A comunidade ainda luta pelo reconhecimento como quilombo e pela legalização da área. Esse local tem um traço diferente em relação a outras comunidades quilombolas do Brasil, pois foi formada a partir da Guerra do Paraguai e praticamente todos são de uma mesma família. Os moradores praticam a agricultura de subsistência (mandioca, arroz, milho e feijão) e se dedicam ao artesanato com capim-dourado e com cerâmica, porém de forma muito rudimentar e sem condições estruturais para vender os produtos.

O dia-dia na comunidade Barra da Aroeira apresenta uma série de dificuldades.

Problemas de saúde, forma de manutenção e subsistência desorganizada, condições precárias de higiene e segurança alimentar, o manejo e as técnicas do artesanato são incipientes e o pouco contato com a tecnologia são alguns dos problemas que as ações propostas pelo Gecart visaram solucionar.

Os objetivos da pesquisa foram identificar como se deu a recepção das tecnologias e inovações de comunicação no seu ambiente; traçar um perfil cultural do grupo, buscando captar o seu sentimento identitário; levantar as opiniões acerca do projeto Gecart e da inserção do computador e da rádio comunitária no povoado; destacar o interesse da comunidade pelo projeto e verificar as mudanças ocorridas na realidade do povoado.

Em comunidades iletradas como em Barra de Aroeira, a principal forma de registro é a oralidade. Com a inserção de NTCI's, como destaca Castells (1999), há um novo processo de construção de conhecimento. “A recepção dessas NTCI's nessas localidades acontecem de forma bastante surpreendente, pois o imaginário dessas populações é puramente auditivo, assim gerando resultados dos mais diversos” (OTA, 2002). O intuito era exatamente conhecer essas surpresas e apontar, com isso, caminhos para que novas propostas de inserção tecnológica em comunidades tradicionais se dêem de forma mais focada nos interesses e na identidade dos grupos.

METODOLOGIA

Primeiramente realizamos revisão da literatura corrente disponibilizada em bases especializadas ou na web como um todo, entre textos e artigos mais relevantes aos interesses do estudo selecionados para leitura e fichamento. Nessa etapa refletimos principalmente sobre os estudos de recepção, discussões sobre a problemática que envolve a inserção de novas tecnologias em ambientes tradicionais e a comunicação comunitária. A etapa seguinte foi um contato prévio com os moradores em uma visita realizada à comunidade em 22 de setembro de 2007, através da qual pudemos realizar a observação direta. Todas as observações foram anotadas no caderno de campo. Esse primeiro contato foi importante para nos inserirmos na comunidade e orientar novas leituras segundo as experiências daquele grupo.

Nas duas primeiras semanas de abril de 2008 visitamos a comunidade acompanhando a retomada do projeto Gecart e realizando observação direta e anotações

a critério da pesquisa. Foi mais uma oportunidade de avaliar a realidade local e também observar a impressão do grupo em relação ao projeto.

É importante destacar que a referida pesquisa envolve duas etapas: um levantamento inicial e diagnóstico, com visitas e observação direta, além da aplicação de um questionário que traçasse um mapa de consumo cultural do grupo; e na segunda etapa, baseada nas informações da primeira, entrevistas em profundidade, que permitiriam conhecer melhor o olhar da comunidade em relação à inserção tecnológica e às mudanças comunicacionais ocorridas após o projeto Gecart. Este artigo detém-se à primeira fase. Neste momento está se dando o encerramento da segunda fase, cujos resultados ainda não puderam ser aferidos.

Na elaboração do questionário nos atentamos para identificar os modos de viver da comunidade e sua relação com os meios de comunicação e tecnológicos. Esse foi nosso principal instrumento para coleta de dados da primeira fase. Através dele foi possível realizar uma sondagem sobre o panorama da vida em Barra de Aroeira. Como destaca Duarte (2006) com o questionário é “possível estabelecer uniformidade e comparação entre respostas (...), limitar as possibilidades de interpretação e de erro do entrevistado”.

A seleção da amostra da pesquisa se deu a partir do levantamento da Associação de Moradores de Barra de Aroeira, que nos repassou dados do último censo realizado na comunidade. De acordo com a Associação, a população em 2007 era de 406 habitantes, divididos em 83 famílias. Como era um estudo com viés mais qualitativo e por não dispormos de condições para um levantamento estatístico optamos por ouvir 35 famílias que compõem 42,16% do total de famílias. Em cada casa abordamos o número de moradores que se encontravam no momento da pesquisa, excluindo as crianças (optou-se por incluir apenas pessoas acima de 13 anos por considerarmos a idade mínima para atender os objetivos da pesquisa), o que totalizou 60 pessoas entrevistadas.

Para a adequação do questionário, a fim de evitar qualquer obstáculo de entendimento por parte da população, realizamos o pré-teste. Fizemos algumas adequações principalmente no vocabulário usado para que ficasse mais de acordo aos respondentes.

Na aplicação dos questionários foi possível um maior contato com a população, que se mostrou bastante receptiva. Os questionários foram aplicados em 03 finais de semana, ao mesmo tempo que ocorriam oficinas do Gecart. Em seguida procedemos à

tabulação, interpretação e discussão dos dados, gerando a elaboração do relatório final da pesquisa.

ESTUDOS DE RECEPÇÃO

A convergência das velhas com as novas tecnologias pode provocar recepções das mais diversas, devido o caráter tradicional da comunidade, o desejo da mesma para com a rapidez de informações e a interatividade. São fatores que elevam a dinâmica comunicacional e diminuem a exclusão tecnológica. No entanto, vale salientar que um grupo ao receber a mensagem, “pelo exercício do seu repertório, ele a reconhece. Pela negociação mediadora, ele a dota de sentido” (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p.150 *apud* DANTAS, 2008, p. 13). O receptor não fica passivo a esses processos, ele reformula as informações da forma que seja mais próxima do seu cotidiano e, conseqüentemente, da sua cultura. Martín-Barbero propõe um deslocamento no debate teórico e metodológico da comunicação com a ótica da recepção, de quem está recebendo as mensagens midiáticas.

Assim a comunicação se tornou para nós questão de *mediações* mais que de meios, questão de *cultura* e, portanto, não só de conhecimentos mas de re-conhecimento. Um reconhecimento que foi, de início, operação de deslocamento metodológico para re-ver o processo inteiro da comunicação a partir de seu *outro* lado, o da recepção, o das resistências que aí têm seu lugar, o da apropriação a partir de seus usos. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.28).

Segundo Dantas (2008), o modelo comunicacional barberiano propõe que a intenção inicial do emissor possa não vir a ser a mesma captada e recebida pelo receptor. Ou seja, os estudos de recepção propõem uma abordagem diferente dos meios de comunicação, encarando-os como um processo de interação social (FÍGARO, 2000). Esses estudos são, portanto, fundamentais para entender melhor o papel dos meios de comunicação (aqui estendidos para os aparatos tecnológicos, que incluem a comunicação via NET) na vida e no cotidiano dos grupos sociais, nas diferentes comunidades e culturas.

Para Barbero (2003) é necessário conhecer os hábitos de consumo e apropriação das indústrias culturais, assim como das formas próprias de organização da cultura cotidiana das diversas comunidades. Não se trata mais de uma audiência respondendo às

ofertas do mercado através do consumo. Este não pode ser o único paradigma para se entender a recepção. A cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural também são vistos como lugares das mediações.

O consumo não é apenas reprodução de forças, mas também produção de sentidos: lugar de uma luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.302)

Ampliando o debate sobre as mediações Guillermo Orozco (in MARTINS, L; PINTO, E; QUINTELA, S; TAUKE, S., 2006.) ressalta que os receptores se relacionam com os meios e as mensagens de forma multilateral e multidimensional por dados de sua cultura.

Ele apresenta quatro tipos de mediações que podem interferir no processo comunicacional: cognoscitivas (informações obtidas pelos meios e que recaem no processo de conhecimento), estruturais (são as que dispõem a identidade do sujeito receptor, tais como a classe social, a etnia, idade, sexo), situacionais (ocorrem no momento de ter contato com a mensagem) e institucionais (acontecem nos cenários onde ocorre a recepção). (MARTINS, L; PINTO, E; QUINTELA, S; TAUKE, S, 2006, p.5)

Já Tauke Santos (in MARTINS, L; PINTO, E; QUINTELA, S; TAUKE, S., 2000) revela que o próprio objeto da pesquisa sinalizará as mediações ao pesquisador. Ela define esse tipo de mediação como mediação por excelência, “[...] aquela ou aquelas cuja interferência afeta de maneira singular o processo de comunicação. Nessa perspectiva, a mediação é considerada como algo construído em cada caso”. (SANTOS, Tauke, 2000, p.6 *apud* MARTINS, L; PINTO, E; QUINTELA, S; TAUKE, S, 2006, p.5).

Para o pesquisador Néstor García Canclini as técnicas de observação em estudos de recepção devem ser antropológicas, a fim de obter conhecimentos sobre as microinterpretações da vida cotidiana e de “como os discursos da mídia se inserem na história cultural, nos hábitos de percepção e compreensão dos setores populares” (CANCLINI, 1998, p. 264). Nesse contexto, é interessante avaliar a influência do espaço doméstico e outros intercâmbios íntimos na recepção das mensagens que nos chegam pela mídia, já que estas são discutidas e refletidas nesses espaços. No caso específico desse estudo não avaliamos apenas as mensagens advindas da mídia, mas as

que circularam entre o grupo a partir do desenvolvimento do projeto Gecart, com as oficinas, palestras, cursos e aparatos tecnológicos como computador, além da rádio comunitária. Ou seja, a idéia era investigar a recepção de todos os processos comunicacionais que se estabeleceram na comunidade a partir do projeto Gecart.

RESULTADOS

Durante as visitas à comunidade, observando o cotidiano das pessoas e acompanhando a participação nas oficinas do Gecart percebemos a necessidade que os moradores possuem de ter um espaço para se comunicarem, mostrar sua identidade e seu cotidiano. Isso ficou claro ao observamos, por exemplo, que na oficina de pequenos meios alguns temas foram recorrentes nos jornais produzidos como: os festejos de São Domingos, a história do povoado, reivindicações por melhores condições de saúde e educação e artesanato que produzem. Também nas conversas informais com moradores da comunidade e do registro fotográfico e audiovisual foi possível buscar um resgate da cultura e identidade quilombola do povoado, cultura e identidades estas que estão se perdendo com as modificações ocorridas no lugar. No entanto, foi principalmente com a aplicação do questionário que pudemos avaliar a recepção dos processos comunicacionais na comunidade Barra de Aroeira e mapear o perfil de seus habitantes.

A maior parte dos entrevistados, cerca de 70%, não tem sequer o 1º grau completo e são basicamente trabalhadores da agricultura (73,3% dos entrevistados). Embora a maioria esteja acima de 50 anos (23,3% dentro do universo pesquisado), poucos têm aposentadoria e emprego formal e praticamente não saem de Barra de Aroeira. Os entrevistados têm um número relativamente alto de filhos. 76,6% dos entrevistados afirmaram ter filhos e 35%, destes disseram ter mais de quatro filhos. Com esse perfil, torna-se clara a importância de projetos que desenvolvam uma mobilização social em função dos direitos do cidadão. Fazendo com que esses entrevistados possam se inserir no processo e não apenas projetar para os filhos e netos as possibilidades de melhoria com advento das tecnologias. Isso foi possível observar principalmente na questão referente à presença do computador no povoado. A maioria sabe da existência do computador, mas 85% ainda não tiveram acesso. Em 63,3% das respostas, os entrevistados afirmam que isso seria bom para o desenvolvimento da comunidade trazendo oportunidades, principalmente para as crianças e os jovens. Portanto, eles percebem a importância da tecnologia, mas se sentem à parte do processo

de modernização da comunidade. Isso acontece porque uma das principais mediações que atuam nas formas de apropriação dos meios de comunicação é a competência cultural, pois “[...] é através da mediação da competência cultural que se percebe como as diferenças de classe e as diferenças culturais articulam o modo de ver e de se manifestar no tempo e no espaço cotidiano.” (ANTUNES, 2007, p. 4). Cada indivíduo se apropria de algo baseado nas suas possibilidades de produção de sentido. Assim, a formação educacional, o consumo cultural, idade, gênero e origem étnica são fatores que influenciam nessa competência.

Quando o resultado indica que 58 dos 60 entrevistados gostariam de ouvir uma rádio da própria comunidade, percebe-se que a rádio comunitária é um meio adequado à realidade local, principalmente para melhorar a comunicação dentro da comunidade, conforme responderam 46,6% dos entrevistados. Segundo Ota (2002), esse meio é bem aceito, especialmente em locais de baixa escolarização, como é o caso, porque o rádio é pura oralidade. Isso configura a necessidade de uma dinâmica na comunicação local, aliada à cultura, à identidade e luta do povo negro e às raízes esquecidas com o tempo, algumas vezes substituídas por outras que nem fazem parte do imaginário local.

Quase todos os entrevistados (59 pessoas) responderam que gostariam que a comunidade Barra de Aroeira fosse mais conhecida, principalmente porque, segundo a maioria das respostas ao questionário (65%), isso traria mais desenvolvimento para a comunidade e diminuiria o isolamento do local. Esse anseio por reconhecimento é um dado interessante já que há poucos anos a comunidade se isolava do restante do mundo, ou seja, significa que a chegada das tecnologias e de novas formas de comunicação podem ser os vetores dessa tomada de consciência, dessa possibilidade de abrir-se para o mundo. Além disso, uma maior urbanização no povoado, com asfalto chegando e maior facilidade no acesso, também tem contribuído para diminuir o isolamento do lugar, fazendo com que os habitantes do quilombo enxerguem novas possibilidades de interação com outras culturas. Canclini aponta a expansão urbana como uma das principais causas da hibridação cultural já que esse é o principal cenário de cruzamentos e intercâmbios. “A sociabilidade híbrida que as cidades contemporâneas induzem nos leva a participar de forma intermitente de grupos cultos e populares, tradicionais e modernos.” (CANCLINI, 1998, p. 354).

Um dado surpreendente foi o apreço dos moradores por programas televisivos noticiosos (70%), pois a TV em um local com tão poucas distrações chega como uma

alternativa basicamente de entretenimento. No entanto, o que se observa em Barra de Aroeira - tendo em vista que 55% das pessoas disseram gostar da televisão porque ela fornece mais informação e conhecimentos e também realiza uma conexão com o a realidade fora da comunidade - é a necessidade pela integração com o mundo, com o outro, com a aldeia global, à qual o mundo se encontra imerso. São esses e outros fatores que indicam a necessidade de uma mídia comunitária, até mesmo para o debate da comunidade sobre seu papel na dinâmica global. O rádio provoca uma aceleração da informação que também se estende a outros meios. Reduz o mundo a uma aldeia e cria o gosto insaciável da aldeia pelas fofocas, pelos rumores e pelas picuinhas pessoais. Mas, ao mesmo tempo em que reduz o mundo a dimensões de aldeia, o rádio não efetua a homogeneização dos quarteirões da aldeia. (MCLUHAN, 1964).

A pesquisa também apontou que antes da chegada de tecnologias em Aroeira, 46,6% dos entrevistados se ocupavam com o lazer e com a convivência social, e 31% com atividades culturais. Hoje, 83,3% dos entrevistados (esse item podia marcar até três opções) ainda se ocupam em sentar na porta de casa para conversar, fazer visitas etc..) e 6,9% se dedicam a atividades culturais.

Partindo do olhar Barberiano, deve-se levar em conta que em comunidades tradicionais como Barra de Aroeira, as variações dos processos de comunicação acontecem das formas mais variadas, devido à política de agregação dos valores culturais do grupo com os novos valores impulsionados após o contato com meios tecnológicos. Isso é importante salientar porque há também um bom envolvimento da comunidade com a TV, DVD, rádio, com os quais eles ocupam boa parte do tempo. Ou seja, as relações sociais permanecem fortes, em ações que não envolvem grande articulação do grupo, como visitas por exemplo. O espaço que a TV e demais inovações tecnológicas vem disputando é o das ações culturais, que precisam de tempo, mobilização e, portanto, estão deixando de ser priorizadas.

Isso demonstra que as trocas sociais são ainda um grande motor de comunicação na comunidade. Prova disso é que mesmo todos gostando da presença da TV em Barra de Aroeira, a maioria só assiste de vez em quando (51,6%). Ou seja, hoje as relações de grupo são mantidas, mas aspectos que reforçam a cultura como contar histórias, danças e encontros religiosos aos poucos vão se perdendo. Essa realidade incongruente foi um dos pontos que mais nos chamou atenção haja vista que mesmo com a manutenção das relações inter-pessoais existe uma desmobilização cultural.

Em relação às ações do Gecart, 76,6% dos entrevistados acreditam que a inserção do projeto influenciou de boa forma a comunidade, gerando mudanças essenciais. Eles identificam no projeto uma forma de trazer desenvolvimento e novos conhecimentos para a comunidade. Porém, muitos entrevistados mostraram em suas respostas que o projeto ainda tem muito que fazer para Barra de Aroeira. 13,3% das pessoas disseram que apenas sentem uma expectativa de melhora com o projeto ou sentem que mudou alguma coisa, mas não sabem identificar as mudanças. É através de respostas como essa que a comunidade mostra o desejo por novos recursos e novos projetos. Isso revela o quanto Barra de Aroeira ainda precisa de propostas que possam contribuir para a conquista de autonomia.

Outro dado relevante é que 63,3% dos entrevistados vêem a inclusão tecnológica como algo gerador de oportunidades, como melhoria para a comunidade. No entanto, a maioria dos entrevistados têm mais de 40 anos e não se sente incluída nesse processo, pois acredita que é apenas para os jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos Estudos de Recepção foi possível concluir que a inserção tecnológica em comunidades tradicionais abarca muito mais do que a chegada da tecnologia em sua acepção técnica, mas, também, as mediações pelas quais essa novidade atravessa e o seu resultado nas relações das tramas sociais. Resgatam, assim, o sujeito em seu processo de conhecimento e de reconhecimento enquanto grupo social/cultural.

Nessa primeira etapa da pesquisa, que posteriormente contou com entrevistas em profundidade, foi possível compreender que a comunidade vive um momento de transição entre o passado de isolamento e o futuro de relacionar-se com outras culturas. Nesse sentido, é fundamental propor ações de inserção tecnológica, sustentabilidade e comunicação comunitária. Principalmente se levarmos em conta que os novos conhecimentos inseridos servirão de subsídio para que eles se tornem cada vez mais autônomos. Também é preciso um esforço no resgate cultural e sentimento identitário para que eles se vejam verdadeiramente como quilombolas.

O questionário foi bastante eficaz para conhecer o perfil do habitante de Barra de Aroeira, bem como seus obstáculos e superações quanto à recepção de novas

tecnologias e de processos comunicacionais. Espera-se que o resultado dos dados fornecidos com os questionários seja um instrumento de imensa utilidade para o decorrer dessa pesquisa e para os posteriores programas que virão a ser direcionados para essa comunidade.

O importante é saber que não está havendo uma resistência muito forte em relação às tecnologias e à conexão com o mundo, como pensávamos. A comunidade está aberta a propostas, mas não abre mão de sua cultura e de suas vivências históricas.

O maior problema está mesmo na organização do grupo, no ajuste de seu tempo, agora dividido com outras atividades como a TV, o rádio e o computador, para a mobilização cultural. A pesquisa ainda não se completou. O que se apresenta aqui são resultados parciais, mas já é possível delinear orientações para futuros projetos de inclusão digital e comunicacional: é preciso pensar como incluir os mais velhos, como fazê-los sentir-se parte do processo. E mais, é preciso levar em conta que as manifestações culturais estão se perdendo. Assim, não se trata apenas de sobrepor novas atividades e processos de comunicação, aliados a novas tecnologias, mas fundamentalmente de incluir nessas iniciativas propostas de resgate da história social e cultural desse povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, P.H. et al. **Cidadão on-line: a inclusão digital, exercício de cidadania**. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007. Disponível em <http://www.adtevento.com.br/intercom/2007/resumos/r1498-1.pdf>. Acesso em 26. abr. 2008.

CARVALHO, Ângela M. G.; CARVALHO, Juliano M.; PASSOS, Mateus Y. R. da S. **Inclusão digital e comunicação comunitária: desafios cognitivos na Sociedade da Informação**. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. Disponível em <http://www.adtevento.com.br/INTERCOM/2007/resumos/R1092-4.pdf>. Acesso em 16 fev. 2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. (Org.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

DANTAS, José Guibson. Teoria das Mediações Culturais: uma Proposta de Jesús Martín-Barbero par o Estudo de Recepção. **Ensaio: Comunicação em revista**. Palmas (TO), v. 1, n. 3, p. 07-17, jan. 2008.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**. 2. ed. Trad. Ana Regina Lessa, Heloísa Pezza Citrão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARTINS, Luciene; PINTO, Edilene; QUINTELA, Sônia; TAUKE, Salett. **Inclusão digital, inclusão social? A recepção das propostas de inclusão digital pelos jovens de escolas públicas do Recife.** In XV COMPÓS: Bauru/São Paulo, 06 a 10 de junho, 2006. Disponível em http://www.facom.ufba.br/midiaerecepcao/textos/2006/saete_luciene_edilene_sonia.pdf. Acesso em 25 abr. 08.

OTA, Daniela Cristiane. **Rádio em Boa Sorte – uma comunidade negra.** In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador, 2002. Disponível em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP13OTA.pdf. Acesso em 27.abr.2008.

RANGEL, A. (2003) **O Brasil precisa é de inclusão social.** Disponível em http://www.socid.org.br/artigos_brasil-is.htm. Acesso em 16 fev. 2008.

WERTHEIN, Jorge. **A sociedade da informação e seus desafios.** Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a09v29n2.pdf>. Acesso em 26. abr. 2008.